



A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia, no contexto da Escola Nova

Natalya Crivellaro PIRES
Márcia Cristina Oliveira MELLO
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Ourinhos, SP

Resumo

A pesquisa documental e bibliográfica enfatiza a importância das excursões no ensino de Geografia através do olhar do professor João Dias da Silveira (1913- 1973). Considerado um importante intelectual de seu tempo, se tornou o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP Campus de Rio Claro. A pesquisa tem como objetivo detalhar as características da técnica de ensino “excursão geográfica” proposta por João Dias da Silveira, em 1936; reforçar a contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova; e verificar a atualidade da pesquisa de João Dias da Silveira na vivência dos estudantes da ETEC de Ourinhos articuladamente ao Projeto “Nós Propomos!”.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; excursões geográficas; Escola Nova

Introdução

Este texto é resultado de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) iniciada no ano de 2021, desenvolvido na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Ourinhos. Tem como objetivos detalhar as características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936, assim como, reforçar a contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova.

De acordo com Albuquerque (2011) a História da Geografia escolar no Brasil tem seu marco inaugural nos anos de 1830, já que até então ela não constava como disciplina nos currículos escolares.

Para Rocha (1996) esse quadro muda a partir de 1837, quando a disciplina é então incluída no currículo do Colégio Imperial Pedro II. Para Vlach (2004) a disciplina escolar se constitui como resultado da pressão feita pela inclusão dos conteúdos



de Geografia nos exames para ingressos nas Faculdades de Direito e Medicina do país. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 23).

Tendo propósitos e finalidades específicas, a disciplina se constituiu de acordo com os interesses e intenções das instituições de ensino para a aprendizagem da época.

Foram inúmeros os geógrafos estrangeiros e brasileiros que colaboraram para os primórdios da Geografia escolar e sua entrada no currículo escolar. Dentre tantos, selecionamos João Dias da Silveira (1913-1973).

A escolha se deve ao fato do professor João Dias da Silveira ser um importante nome para o ensino secundário da Geografia, assim como o fato de ter sido um dos precursores das metodologias ativas no ensino de Geografia, em especial, as excursões geográficas.

1. Características da técnica de ensino excursão geográfica proposta por João Dias da Silveira, em 1936

O professor João Dias da Silveira se formou em Geografia e História pela Universidade de São Paulo (USP) em 1936, era considerado uma das mais consagradas autoridades universitárias, com larga folha de serviços prestados ao ensino (BUSCHINELLI, 1988, p. 12 apud GARCIA, 2008, p.27).

No ano de 1936, João Dias da Silveira escreveu o artigo “A excursão no ensino de Geografia”, publicado pela revista *Geografia*. O material foi destinado principalmente para professores do ensino secundário, buscando dar espaço a uma nova forma de ver e pensar o ensino de Geografia. Propondo uma visão menos tradicional para a época, em que as aulas se resumiam a metodologia em que, basicamente, o aluno decorava os conteúdos das aulas.



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



O artigo sugere uma nova forma de ensinar a aprender a Geografia, tendo como ponto de partida as excursões geográficas, onde os estudantes observariam na “prática” aquilo que antes ficaria restrito a apenas materiais teóricos vistos dentro da sala de aula.

O texto oferece para o professor um roteiro sobre os passos desde a preparação da excursão até o momento de sua volta até a sala de aula, enfatizando aspectos a serem abordados tanto antes como durante e após a excursão, moldando assim, um caminho a ser percorrido a fim de melhor sistematizar o trabalho de campo e levar com que os estudantes obtenham o melhor proveito da atividade.

Além do artigo “A excursão no ensino de Geografia”, João Dias da Silveira escreveu outros textos, entre os anos 1940 a 1970 relacionados à sua área, principalmente sobre a Geografia física, conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 - Produção intelectual de João Dias da Silveira publicada de 1946 a 1972

textos	Autor(es)	Ano de publicação
Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira.	João Dias da Silveira	1946
O ensino de geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.	Aroldo de Azevedo; João Dias da Silveira	1949
Considerações em torno da geografia tropical.	João Dias da Silveira	1951
Baixadas litorâneas quentes e úmidas.	João Dias da Silveira	1952
Aspectos marrocos francês.	João Dias da Silveira	1952
Concreções ferruginosas, paleosolo e a super-	Maria Margarida Pen-	1972



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



fície de cimeira no planalto ocidental paulista.

teado; João Dias da Sil-
veira

Fonte: Banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), organizado pela autora.

João Dias da Silveira acreditava que os problemas sociais seriam amenizados quando a sociedade atingisse um nível cultural alto, sendo assim, pensava que a educação seria a fonte para cada vez mais produzir cultura naturalmente humana, capaz de despertar no homem a condição de humano. Estas premissas faziam parte das discussões do movimento da Escola Nova.

A Escola Nova ou “Escola Progressiva” foi um movimento que impulsionou o pensar sobre o ensino nas escolas brasileiras do início do século XX. Idealizada após o lançamento do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 1932, esta nova proposta foi lançada com o objetivo de acompanhar o ritmo e as transformações da sociedade da época, afinal, “[...] a escola é o retrato da sociedade a que serve” (SAVIANI, 2012, p. 37).

Isso significa que o ensino deve ser uma atividade dirigida consoante o desenvolvimento natural, as etapas específicas de crescimento e a concepção de mundo presente em cada aluno e em cada tempo e espaço escolar. Se existem os conteúdos básicos a serem trabalhados nas escolas, eles se justificariam na medida em que levassem em conta a sua natureza “socialmente útil”. (AZEVEDO et al, 2010, p.40 apud BATISTA, 2018, p. 91).

A Geografia foi inserida no contexto escolar nos primeiros anos da República, entre 1910 e 1920, nesse período as discussões nacionalistas e patriotas estavam ganhando força e a matéria em questão era considerada como sendo privilegiada, pois transmitia aos alunos, futuros cidadãos, os valores patrióticos. A educação também passou a ter grande destaque, afinal a educação era uma forma de igualar o Brasil aos países mais desenvolvidos da época. Foi



durante esse período que os valores escolanovistas foram inseridos no Brasil.

A Escola Nova defendia o aprendizado através de ações práticas do próprio educando (SANTOS, 2005), ou seja, os ideais escolanovistas propunham que o aluno não apenas lesse, observasse, repetisse, mas que conseguisse demonstrar os conhecimentos aprendidos através da prática. Para Delgado de Carvalho o ensino de Geografia deveria ser útil ao aluno e este deveria ser capaz de perceber tal utilidade na vida prática imediata.

Carvalho Sobrinho (2001) reforça que a mudança nos métodos pedagógicos, como proposto pela Escola Nova, só seriam efetivas se houvesse uma mudança na mentalidade dos professores. Sendo assim, não adiantaria realizar transformações radicais nas escolas públicas sem incluir os professores nesses novos ideários. Desta forma, teria que transformar a forma com que os docentes elaborariam as atividades propostas, direcionando maneiras para que ela fosse possível de aplicação. Nesse sentido alguns autores como: Lourenço Lourenço Filho, Delgado de Carvalho, Firmino de Proença e João Toledo contribuíram para este debate.

A grande tendência da época estava na orientação destinada aos professores envolvendo a experimentação, já que a Ciência era considerada como a base para o progresso. Deste modo, a Escola Nova seguiu duas diretrizes principais: 1) A mentalidade de mudanças contínuas, expressas em atitudes de otimismo diante da vida; 2) Dada pelo industrialismo culminado com a democracia, grande tendência do mundo contemporâneo.

Esses dois aspectos indicaram que os professores nas escolas pensassem no fim do autoritarismo, defendendo a liberdade; a afirmação da autoridade interna em detrimento da externa; uma nova finalidade à escola, onde a



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



mesma teria como objetivo preparar cada indivíduo a se comandar em uma sociedade em constantes mudanças. Desta forma:

A escola deve ser uma réplica da sociedade a que ela serve, urge reformar a escola para que ela possa acompanhar o avanço “material” da nossa civilização e preparar uma mentalidade moral e espiritualmente se ajuste com a presente ordem das coisas. (SAVIANI, 2012, p 42).

Contrariando o ensino tradicional, onde os estudos teóricos eram conduzidos apenas pelo professor que regia as aulas seguindo os mesmos processos metodológicos de fixação de conteúdos, a Escola Nova surgiu como forma de transformar o conceito de aprendizagem, sendo compreendida como a assimilação biológica de novas formas de reagir ao meio, ou seja, segundo essa perspectiva só se aprende aquilo que te dá prazer e que as atitudes só são realmente compreendidas através das vivências. Segundo Azevedo e colaboradores (2010, p. 50 apud BATISTA, 2018, p. 91) no contexto escolanovista não poderia haver espaço para tendências "exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional".

Durante o período da Escola Nova, o debate sobre o ensino e aprendizagem da Geografia ganhou uma forma didática e prática de ser ensinada, valorizando a “atividade do aluno” como ponto fundamental para o início das aulas, sendo assim, os ideais escolanovistas tornaram possível que durante as aulas de Geografia os alunos pudessem aprender através da observação da natureza ou, até mesmo, na utilização de materiais que os facilitasse a ter recordações das paisagens e auxiliassem os estudante na compreensão dos aspectos geográficos trabalhados em aula (SANTOS, 2005).

A Escola Nova, que, de início, nos coloca perante um projeto de reformulação pedagógica, aos poucos se revela como a emergência de uma nova Pedagogia social, uma teoria de am-



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



plano alcance programático cujo objetivo era a construção do Homem Novo e da Boa Sociedade [...] (MONARCHA, 1989, p.11-17 apud MELLO, CUANI JUNIOR, 2020, p.4).

Tendo em vista que as concepções escolanovistas buscavam a construção do ser, ou seja, a prioridade era promover com que o aluno tivesse um desenvolvimento “natural”, de modo a possibilitar que os estudantes construíssem sua própria personalidade, a aprendizagem no ensino passou a basear-se nos interesses e necessidades dos alunos, de modo que o simples “aprender” passou a ter outro significado, onde a criança deveria aprender a observar, a pensar e a pesquisar.

Assim, a Didática escolanovista no ensino de Geografia possuía particularidades, indo além da memorização do conteúdo, buscando instigar no aluno o desejo de aprender, através de atividades, materiais e recursos didáticos diferentes dos utilizados convencionalmente pelo professor, como gravuras, fotografias e até mesmo as saídas para fora da sala de aula.

A partir de 1950, durante o governo de Jânio Quadros como governador de São Paulo, começaram a ser desenvolvidos projetos expansionistas que buscavam medidas de interiorização da formação docente em nível superior, esse foi um ponto importante para que ocorresse a descentralização do ensino superior, ou seja, nesse período foi pensado a necessidade de levar universidades, principalmente ligadas à licenciatura ao interior do estado, para suprir a falta de professores para atuar no ensino secundário (BRAY, 2005; MAURO, 1999).

Em 1957, através da promulgação da Lei nº 3895, foi instituída a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, localizada no interior do estado de São Paulo. João Dias da Silveira foi escolhido para ocupar o cargo de di-



retor da nova faculdade, iniciando suas atividades no mesmo ano (MAURO, 1999).

O novo diretor em 1960 apresentou para o Conselho Estadual de Educação, um relatório o qual retrata, com detalhes, a organização e funcionamento de cada curso que seria desenvolvido na faculdade. Dentre as propostas para o curso de Geografia, destacam-se: a criação de laboratórios de geofísica, ma-poteca e o melhor desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa, propondo o planejamento e elaboração de trabalhos de campo inter-universitários (MAURO, 1999).

2. A contribuição de João Dias da Silveira ao debate sobre o ensino de Geografia no contexto da Escola Nova

Considerando a possibilidade de ampliar os estudos das particularidades da Didática da Geografia na época selecionamos como fonte privilegiada de estudo o artigo "A excursão no ensino de Geografia", publicado para a revista *Geografia* v.2, n.4, p.70-73, no ano de 1936, por João Dias da Silveira, que destacou a sua concepção sobre os principais pontos que os professores de escolas secundárias deveriam considerar para ensinar conceitos de Geografia, por meio das excursões geográficas, ou seja, das saídas do ambiente habitual das aulas: a sala de aula.

As excursões geográficas também eram estudadas e debatidas principalmente por Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), em sua publicação para a *Revista de Geografia* v.3, nº 4, 1941, o artigo "A Excursão Geográfica" apresentou as excursões geográficas como parte fundamental do ensino de Geografia, pois através delas os estudantes poderiam fixar e revisar os con-



teúdos já aprendidos em sala, além de que as saídas extraclasse estimulam os discentes a despertarem o interesse para o estudo da Geografia (MENEZES, 2011).

O segredo do interesse geográfico está apenas no estabelecimento de contatos com a Natureza, escolhidos com acerto os fenômenos que se processam sobre a superfície do globo ou sobre ele atuam (CARVALHO, 1941, p. 666).

Sendo assim, o autor mencionou a importância do preparo prévio para a realização do campo, determinando os objetivos específicos a serem alcançados durante essa atividade. Era essencial que nas aulas que precedessem o passeio, fosse feito um debate sobre os conteúdos que seriam observados durante o trabalho de campo, pois assim a saída da sala de aula não se torna uma mera atividade recreativa. Além disso, Delgado de Carvalho (1941) ressaltou a importância de uma boa organização da excursão, podendo ser realizada até mesmo por grupos de alunos, coletando nomes, estudando os melhores horários, os transportes e as despesas que terá durante o campo (MENEZES, 2011).

O ponto alto da excursão devia ser a interpretação das paisagens geográficas, onde o aluno poderia orientar-se no espaço, ambientar-se e observar na prática os elementos estudados em sala. Assim:

Já discuti longamente o sentido geográfico de posição e situação, a necessidade de constituir, no educando, uma consciência do espaço, de dotá-lo de uma faculdade de ver e observar, de se ambientar topograficamente, isto é, de interpretar paisagens geográficas. (CARVALHO, 1941, p. 668).

Para manter a atenção dos alunos durante as atividades de observação, Delgado de Carvalho citou a necessidade que fosse mencionado, previamente, aos estudantes a realização de relatórios pós-campo, deste modo os alunos



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



tendem a registrar a descrição das paisagens, as observações feitas pelo professor durante o campo e principalmente suas dúvidas em relação ao que foi visto (MENEZES, 2011).

Na época, as orientações de Delgado de Carvalho, João Dias da Silveira e de uma vanguarda de geógrafos contribuíram para a constituição do currículo de Geografia para as escolas secundárias.

No ano de 1935, a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) decidiu realizar uma comissão, entre os nomes dos integrantes da mesma destacavam-se os professores Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria da Conceição Vicente de Carvalho, a fim de propor um novo currículo de Geografia, visando analisar e questionar aspectos relacionados ao ensino da disciplina até o momento, assim como, apresentar conteúdos, orientações metodológicas e idealizações para a escola secundários em relação a mesma.

[...] estava-se estudando, em nível federal, uma reforma do ensino secundário e a AGB não quis alhear-se do assunto vendo, inclusive ali, o momento de propor mudanças benéficas para a Geografia de modo que ela aparecesse como ciência e não aquele arremedo que até então se fazia. A preocupação era a de substituir o antigo sistema puramente de nomenclatura e mnemônico, por uma compreensão científica da matéria, e Monbeig completa: “E nestas condições é dever de todos que se interessam pela Geografia, auxiliar os poderes públicos na difícil tarefa de modernizar o ensino” (ALEGRE, 2006, p. 216 apud MELLO, CUANI JUNIOR, 2020, p.6).

A proposta para o novo currículo foi publicada na revista *Geografia* no mesmo ano, de 1935, tendo duas partes: a primeira possuía “Instruções para o ensino da Geografia” e a segunda abordava a “Distribuição da matéria: elementos da cosmologia e de Geografia Física, Biológica e Humana”.

O novo currículo para as primeiras séries instrua para que os professores ensinassem, em um primeiro momento, às questões elementares fundamentais para o aprendizado de Geografia, já que se os estudantes aprendessem bem esses primeiros conceitos, nas séries posteriores teriam maior domí-



nio sobre os conteúdos já aprendidos e maior facilidade em assimilar os novos conteúdos.

Os professores foram instruídos a evitarem as generalizações, trabalhando principalmente com os fenômenos locais, ou seja, os acontecimentos mais próximos à realidade do aluno, para posteriormente e gradualmente introduzir os conteúdos em escala global.

Torna-se preciso evitar, por todas as maneiras, as abstrações: a Geografia geral ministrada a meninos de doze anos deve partir de fatos concretos e que lhe sejam familiares; sempre que possível o professor se esforçará por começar pela Geografia local ou, pelo menos, brasileira, para conduzir o aluno, pouco a pouco à generalização (MONBEIG; AZEVEDO; CARVALHO, 1935, p. 78 apud MELLO, CUANI JUNIOR, 2020, p.8).

Cabia ao professor selecionar os conteúdos fundamentais para o ensino de Geografia, de modo a escolher aqueles que seriam de maior entendimento para os alunos, esse método auxiliaria os estudantes a terem maior interesse e desejo de aprender os conteúdos, evitando, assim, a aprendizagem volátil e sem reflexão.

As leituras também faziam parte fundamental dessa nova fase da Geografia escolar, sendo assim, o professor teria que solicitar aos alunos a leitura de conteúdos abordados conforme os temas aprendidos na aula, assim como, nos últimos anos era importante valorizar a oratória, além da exposição oral de artigos científicos e capítulo de livros sugeridos pelo docente.

O novo currículo valorizava a motivação e o desejo de que o aluno buscasse o conhecimento por si mesmo, sendo assim, cabia ao professor instrumentalizá-lo, através de atividades didáticas, a conseguir adquirir esses conhecimentos, além de propor que os professores ensinassem os conteúdos sem



excessos e aulas massantes, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno.

Também observa-se que a partir do Decreto 19.890 de 19 de abril de 1931, as instruções para o curso secundário da Geografia passaram a considerar que: “O ensino deve ser, quanto possível, realizado no convívio com a natureza, pois que, destarte, se torna apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos à solidez que só o contacto com a realidade objetiva pode dar”.

Sendo assim, as excursões não deveriam ser compreendidas como meras saídas do ambiente cotidiano escolar, já que possuem o objetivo de trazer um conhecimento novo, não apenas adquirido como, também, sentido através de suas próprias experiências observadas em campo.

Na época era concebido que as excursões possuíam um grandioso valor na aprendizagem e deveriam ser aplicadas com um objetivo definido, a fim de que não seriam apenas passeios de escola ou simples viagens turísticas, mas sim uma importante contribuição para o ensino geográfico do meio. Para isso, João Dias da Silveira propôs três tempos que os professores secundaristas necessitavam pensar para elaborar uma excursão, sendo eles: a preparação, a realização e a volta.

A preparação, como o nome sugere, diz respeito a preparação necessária que o professor deveria realizar com os alunos para que os mesmos não entrassem na região desconhecendo-a completamente.

Para Weiss (1962 apud BATISTA, 2018) entende-se que na Pedagogia ativa o aluno aprende através do seu conhecimento prévio, sendo assim, nessa etapa o docente poderia elaborar uma aula descritiva expondo os principais aspectos e a problemática a serem analisados durante a saída, podendo utili-



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



zar para isso cartas topográficas, fotografias e esquemas, isso faria com que os alunos se sentissem mais à vontade ao entrarem em contato com a área, além de aguçar a curiosidade dos mesmos.

O processo de realização das excursões geográficas possuía como objetivo chamar a atenção dos discentes para os aspectos analisados anteriormente nas aulas. Era fundamental que o professor guiasse os alunos até a solução de suas dúvidas durante a saída, de modo que as explicações fossem apenas relativas, nunca chegando, de fato, até ao problema.

A volta também era fundamental, já que durante a excursão o professor colhia materiais suficientes para serem estudados pelos alunos durante as aulas posteriores, de modo que o conhecimento fosse ordenado de tal forma que o problema geográfico exposto durante a aula de preparação seriam totalmente esclarecido. Os aspectos analisados, os exemplos colhidos, as observações feitas na excursão serviriam em diversas aulas oferecendo grandes vantagens práticas quando relacionadas a conhecimentos vividos pelos estudantes.

Na visão de João Dias da Silveira as excursões eram pouco utilizadas como técnica de ensino pelos professores no ensino da Geografia, sendo assim, a disciplina perdia seu aspecto de estudo da realidade imediata, ficando deturpada, falha e desinteressante. Este fato pode ser observado até os dias de hoje como sabemos.

João Dias da Silveira era um apoiador das ideias escolanovistas, acreditando que as atividades desenvolvidas em classe deveriam ser complementadas e demonstradas na prática. Desta forma, oferece um guia para os professores de Geografia que se interessavam em trabalhar as excursões geográficas.



Após a localização dos dados sobre o autor e a técnica de ensino indicada por ele, os dados da pesquisa foram analisados à luz da bibliografia especializada em ensino e ensino de Geografia e os resultados serão sistematizados em formato de tabelas, gráficos, resenhas de textos, e por fim, artigo acadêmico e/ou textos completos para apresentação em eventos científicos.

Na última fase, em andamento está em análise a aplicação de atividades articuladamente as desenvolvidas junto ao projeto “Nós Propomos!”. Esta etapa será realizada na Escola Técnica de Ourinhos (ETEC) com o auxílio do Núcleo de Pesquisa em Ensino de Geografia da Unesp de Ourinhos, quando serão organizadas as atividades que remetam a técnica de ensino utilizada pelo professor João Dias da Silveira dentro e fora da sala de aula, além de alcançar os objetivos do próprio projeto.

As atividades serão realizadas com os estudantes do Ensino Médio da ETEC, tendo, no mínimo, duas intervenções por mês durante três meses. Os encontros serão propostos e sistematizados com base nos ideais de excursão geográfica apresentados por João Dias da Silveira e nos princípios do projeto “Nós Propomos!”.

O “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica” foi iniciado em Portugal no ano de 2011 e 2012, sendo promovido atualmente em diversos países, incluindo o Brasil, como forma de aperfeiçoar a aprendizagem em Geografia na Educação Básica.

O projeto tem como objetivo a formação de estudantes para que possam identificar os problemas cotidianos vivenciados por eles, esses que podem ser apontados através de um trabalho de campo, investigando-os e buscando propostas viáveis que auxiliem na solução do problema.



Vale ressaltar que o projeto transcorre entre a parte teórica e prática, ou seja, o aluno além da bagagem que carrega consigo sobre o tema, é proposto um aprimoramento, através de pesquisas e estudos, para assim elaborar uma intervenção para o problema trabalhado em aula.

No projeto, os alunos são colocados no centro do processo educativo, ao identificarem e apresentarem propostas perante os problemas socioterritoriais concretos com o desenvolvimento de recolha, de tratamento de informações e de apresentação de propostas concretas (CLAUDINO, 2020, p. 22).

O projeto “Nós Propomos!” possui um aspecto interdisciplinar, o que dinamiza o Ensino de Geografia, promovendo a cidadania ativa dos estudantes, além de poder ser adaptado para todas as etapas de ensino, tanto Ensino Fundamental quanto Ensino Médio.

As ações são sempre no sentido de identificar os problemas por meio de pesquisa de campo e apresentar soluções viáveis. Além disso, progressivamente, as atividades visam incentivar a atividade de investigação em Geografia (CLAUDINO, 2020, apud CARVALHO SOBRINHO, 2021, p. 57).

Considerações finais

João Dias da Silveira foi um importante professor e geógrafo, ofereceu diversas contribuições para a área acadêmica, como docente e diretor de universidades reconhecidas no Brasil, como a Universidade de São Paulo (USP), como a Universidade Estadual Paulista (UNESP), além de ter oferecido aos professores secundaristas uma nova forma de ver e pensar a Geografia.

Por muitos anos as metodologias ativas não eram presentes nas salas de aula e os professores pouco sabiam como direcionar suas aulas fora do modelo tradicional, este que não havia uma troca de conhecimentos entre o docente e os discentes, onde as aulas eram todas dentro de uma sala de aula e poucas eram as oportunidades que os alunos possuíam de observar na prática aquilo que estavam aprendendo durante as aulas. João Dias da Silveira foi um



II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



dos precursores desse modelo de ensino, de fazer com que os alunos compreendam através das saídas a campo os conceitos estudados em sala, principalmente quando relacionados com a matéria de Geografia.

Para que fosse possível aplicar as excursões geográficas nas aulas de Geografia dos alunos do ensino secundário, João Dias da Silveira elaborou um roteiro com os principais pontos sugeridos para a elaboração de um trabalho de campo, contendo: o pré-campo, as observações durante a excursão e a volta da mesma, oferecendo os docentes meios e materiais que podem ser utilizado para a realização dessa atividade extra-classe que irão oferecer aos alunos maior aprendizado e compreensão dos temas abordados nas aulas de Geografia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. Dois momentos na história da Geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 19-51, jul./dez. 2011.

BATISTA, Bruno Nunes. Ensino de Geografia, Escola Nova e algumas fontes da Pedagogia missionária. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 4, out./dez. 2018.

BRAY, Silvio Carlos. A Geografia em Rio Claro - São Paulo: A Trajetória de uma Escola. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – São Paulo. *Anais...*São Paulo, USP, 2005. p. 2344-2364.

CARVALHO, Delgado de. A excursão Geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. IBGE, v.3, n.4, p.864 - 873, out/dez. 1941.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo. **Educação Geográfica e Formação Cidadã: o Projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil**. 2021. 213 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

CLAUDINO, Sérgio. **Projeto Nós Propomos! Geografia e cidadania**. In: TELES, Glauciana Alves; CLAUDINO, Sérgio; SOBRINHO, J, F (Orgs). Ensino e formação de professores de Geografia: Experiências no semiárido Brasileiro e em Portugal. Sobral - CE, Sertão Cult, 2020.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. **História e Memória: os 50 anos do Ensino Superior Público em Rio Claro**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - 1958 a 2008. 2008. (v. 1).



**II CONGRESSO IBEROAMERICANO
NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA,
EDUCAÇÃO E CIDADANIA**



MAURO, Suzeli. **A história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e suas contribuições para o movimento de educação matemática.** Dissertação (Mestrado Educação em Matemática) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, 1999.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira; CUANI JUNIOR, João Luiz. Geografia no currículo da escola secundária brasileira, a partir da proposta de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho (1935). **Signos Geográficos**, Goiânia, v.2, p. 2-16, 2020

MENEZES, Maria Lúcia Pires. A Geografia de Delgado de Carvalho. **Revista Geografia-v.2, n.1, p.1-17, 2011.**

SANTOS, Fátima Aparecida dos. **A escola nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX.** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, p. 181. 2005.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia do Brasil: História e teoria.** 2 ed - Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção Memórias da Educação).

SILVEIRA, João Dias da. A excursão no ensino da Geografia. **Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 70 -73, 1936.